

Porque se não organiza no Pôrto a "Hora de Arte" para os operários?

Desde que fixei residência nesta cidade, em 1932, recordo sempre com saúde as minhas assíduas colaborações, quer como solista quer como acompanhador, na «Hora de Arte» para os operários de Lisboa, que se efectua no Asilo António Feliciano de Castilho.

Já tentei por duas vezes animar, interessar elementos artísticos para a organização entre nós da «Hora de Arte», mas as «démarches» efectuadas resultaram desanimadoras e infructíferas.

Duma vez, expus a ideia a um colega e constatámos que no nosso meio não escasseiam elementos artísticos e literários, para a realização das sessões.

Rogar-se-ia o patrocínio moral e material de algumas senhoras que, certamente, não veriam os seus nomes embaciados com a participação ou coadjuvação nesta obra de elevado alcance social: dar aos operários do Pôrto um pouco de pão espiritual.

Esse colega, depois de me apontar os prós e contras da tentativa, expondo-me várias razões, que me abstenho de transcrever aqui, desiludiu-me...

O ano passado, tendo ido a Lisboa realizar um concerto, não quis regressar sem trazer no peito a gratidão dos seus operários, e nos ouvidos, as estrepitosas palmas, que mais uma vez me emocionaram.

Após o meu regresso, novamente consegui interessar uma distinta senhora portuense a abordar o assunto junto de outras para uma necessária coadjuvação.

Resposta dificultosa...

Impossível? Irrealizável?!

Historiando: a «Hora de Arte» para os operários de Lisboa foi fundada, em 1922, pelo maestro e compositor Francisco de Lacerda, contando pois já quinze anos de existência, tendo-se efectuado para mais de duzentas sessões, que começam no outono, rodam por todo o inverno, entram brilhantemente na primavera e só se interrompem nas férias grandes, mantendo-se sempre o mesmo rigoroso método, desde a fundação até hoje.

A «Hora de Arte» devem os operários as maiores consolações espirituais das suas vidas laboriosas, escutando instrutivas palestras pronunciadas por alguns intelectuais; recitações de, entre outros, Chaby Pinheiro, Gabriela Castelo Branco, Maria Luiza Malheiro Dias e Madalena de Martel Patrício; e os músicos notáveis, como Viana da Mota, Alexandre Rey Co-

laço, Francisco de Lacerda, Campos Coelho, José van Rosensstock, Botelho Leitão, Varela Cid, Luiz da Cunha Menezes, Fernando Cabral e Silva Pereira, sendo-me impossível mencionar os nomes de todos os colaboradores, o que de numerosos, tornar-se-ia monótono.

Cada sessão da «Hora de Arte» inicia-se sempre por uma palestra, escolhendo-se por tema um assunto sobre moral social ou a leitura e análise dum trecho selecto dos nossos prosadores e poetas, ou a evocação das grandes figuras da história portuguesa pela narrativa dos seus feitos, nunca devendo a sua duração exceder vinte minutos.

Seguem-se depois trechos de canto, violino, violoncelo, piano ou recitação, até totalizarem o tempo exato: uma «Hora de Arte».

Que dizer-se, depois desta lição de cultura popular, da receptividade emocional dos operários, que ouvem, com a maior atenção, uma audição da «Sonata a Kreutzer» de Beethoven?!

Ainda era vivo o ilustre Chaby Pinheiro, quando numa das sessões da «Hora de Arte» tive a enorme satisfação de ouvir a dicção impecável e magistral de inesquecível grande comediante, que audaciosamente recitara líricas em português, castelhano, francês e italiano.

Surpreendente e comovedor o entusiasmo assimilador com que os operários vitoriam o eminente actor! Aquelas mãos callosas aplaudem freneticamente, em unísono, os artistas que vão exhibir-se especialmente para eles.

O que é necessário, afinal?

Uma sala com cinquenta ou cem lugares e um piano, nada mais!

Não haverá no Pôrto, um asilo, uma associação de beneficência ou uma sociedade orfeónica, que empreste o seu salão de festas, para a realização da «Hora de Arte»?

Como mais acima informei, Lisboa mantém há 15 anos esta simpática obra cultural e social. Leiria, a velha e sempre linda cidade de D. Diniz, já organizou a «Hora de Arte» para os seus operários, devido ao esforço do reitor do Liceu, sr. Agostinho Tinoco.

E o Pôrto?...

A' Comissão directiva e aos prezados leitores de «Sol Nascente», tenho o prazer de lhes apresentar esta minha sugestão, acalentada com entusiasmo há já alguns anos, esperançado em que me auxiliarão na organização da bela obra.

E para terminar, transcrevo aqui um aforismo bem verdadeiro de Jules Verne: «Não há nada impossível; há só vontades mais ou menos enérgicas».

EURICO TOMAZ DE LIMA.

Revista das Ideias

(Continuação da página 7)

ram, como regras de conducta, arbitrarias mas condicionadas pelos impulsos afectivos, e doutras formas análogas. Como tal as obras deste tipo são válidas: exprimem as aspirações humanas. Como filosofia, porém, não tem nenhuma significação, nenhum sentido, qualquer conteúdo; poder-se-ia dizer o contrário, com a mesma facilidade; a aceitação do ponto de vista, e as bases de tais opiniões são apenas as simpatias ou antipatias humanas em face de certas normas. Chamemos-lhes, se assim se quizer, filosofias normativas, auto-afirmações psicológicas, místicas, morais, etc.; o nome não importa, o que importa é fazer ver que isto nada tem que ver com a filosofia propriamente dita. A irritação que produz em certos espiritos esta separação tem de se curvar diante de factos evidentes,

e que nada, de resto, tem de ofensivo para tais obras e seus autores: é uma delimitação de campos, não um juízo depreciativo. Por outras palavras: o dizer-se, tal obra é mais arte ou literatura do que filosofia, em nada deprime essa obra, pois a filosofia não é superior nem inferior á poesia, mas simplesmente, «outra coisa». A filosofia procura definir o objectivo que este seja lógico, matemático ou empírico; a arte procura absorver o objectivo no subjectivo, e fazer cristalizar este em expansões projectivas que são a afirmação, a realização e a expansão emotiva do homem. Krishnamurti, como todos os poetas, é um ideal e um sentimento que se manifesta: a sua obra, porém, não nos traz conhecimento algum a não ser, como objecto, dados psicológicos.